

Editorial

Há muito tempo discute-se a falta de participação no Movimento Estudantil por parte dxs estudates. Como proposta de politização do CADir e seus espaços, a Gestão Pagu se propôs a trazer debates críticos a seus eventos acadêmicos, buscando nas novas ondas teóricas o substrato político dos movimentos sociais. Na questão de gênero, por exemplo, trouxemos o debate da Teoria Queer e do Transfeminismo, movimentos teórico-políticos que desnaturalizam conceitos excludentes e patologizantes. Tínhamos como proposta problematizar também a pesquisa científica num Simpósio e a criminalização da pobreza no Ciclo Jurídico. Infelizmente, alguns problemas burocráticos adiaram os eventos. Com a greve iniciada em Maio, decidimos focar os esforços do CADir, que tem limitações financeiras e de pessoal, na nossa luta contra o desmonte da Universidade pública. Nada mais politizante que uma greve dos três setores das três estaduais paulistas - e as discussões que têm sido feitas pelo Movimento Estudantil sobre Permanência Estudantil, tripé Universitário, valorização de servidores e professores e projeto de Universidade e de Estado perpetrado pelos governos atuais.

Entretanto, há ainda alguns meses por vir. Nosso compromisso foi firmado também em relação ao próprio campus e suas demandas culturais, ao resgate da memória do nosso curso e Centro Acadêmico e reforço do caixa para custear as atividades acadêmicas e políticas.

Nesse sentido, teremos ainda esse semestre a II Semana do Livro, para ocuparmos o campus com literatura acessível e crítica. Também realizaremos a comemoração dos 20 anos do CADir, falando um pouco sobre os 30 anos do curso, comemorados ano passado. A política estudantil é parte da construção do conhecimento universitário crítico e próximo à realidade social e sua importância deve ser sempre lembrada. Teremos ainda a Maratoma, evento já tradicional que aproxima xs estudantes do campus e arrecada fundos para os trabalhos do Movimento Estudantil.

Ao longo de uma gestão, muito se perde e muito se cria. A conjuntura social se tranforma a todo o tempo. O mais importante é garantir que nossos órgãos representativos estejam a par dessas mudanças, inseridos nas discussões e na luta pela democratização da sociedade. Felizes com o que foi realizado, cientes das falhas e preparadx para continuar nossa greve para garantir a Universidade pública, de qualidade e para todxs, convidamos a todas e todos para continuar ao nosso lado, construindo o Movimento Estudantil de Direito, da Unesp e do Brasil.

-Gestão PAGU

25 de Julho

No dia 25 de julho é comemorado O Dia Internacional da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha. Essa foi a data do I Congresso da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha e foi um marco da luta das mulheres negras no continente americano, principalmente as latinas. E por que a necessidade da existência de uma data pra “comemorar” a luta das mulheres negras?

Desde nascidas as negras se deparam com combates diários que marcam suas vidas e aprimoram seu caráter. Desde a escravidão encontramos mulheres negras lutando pela sua sobrevivência e pela sua cor. Nas senzalas essas mulheres eram fortes o suficiente para matar seus próprios filhos para que estes não fossem também cativos. Antes estrelas no céu do que açotados no tronco do senhor. Essa história nos marcou para sempre e, desde então, as negras vêm escrevendo a sua própria história, vertida de sangue, luta, dor e vitória.

As mulheres negras ainda não reconhecem a fragilidade do espaço que a nós é disponibilizado pelo fato de ainda não nos reconhecermos como negras e parte ativa dessa sociedade. É fato que um homem branco, que não tem escolaridade e, portanto, trabalha em cargos de níveis salariais mais baixos hoje, no Brasil, tem melhor remuneração que uma mulher negra com diploma de ensino superior. Para as negras, é preciso batalhar pra contrariar as estatísticas a todo o momento.

Falando de polícia e repressão, encontramos as mães negras que choram em cima dos corpos de seus filhos mortos pela polícia todos os dias nas favelas, becos e vielas. A cor padrão, o negro, os jovens negros são os que mais morrem por dia no Brasil, tanto aqueles se alistam por inúmeros motivos no tráfico do morro, quanto aqueles que trabalham de madrugada nas fabricas. E são mortos pela polícia todos os dias porque a polícia não vê cor, aliás, vê sim, apenas uma cor, o negro. Essas mães que perdem seus filhos todos os dias se sentem culpadas por não poder ter dado aquela chuteira pro menino entrar na escolinha de futebol que era o sonho dele, culpadas por não poder dar o ensino de qualidade que ele merecia e o governo prometia, se sentem culpadas por ver seus filhos não tendo alternativa a não ser ceder pro tráfico, pro roubo e pras drogas.

Diante da constatação de que é difícil ser mulher negra, e que não é só difícil hoje, foi difícil ontem e vai ser difícil amanhã também, é imprescindível que nós sejamos unidas contra o eurocentrismo, o machismo e o racismo. Um exemplo dessa distinção é a ressignificação da palavra vadia. É quase impossível para as negras dar um novo significado para essa palavra. Para nós, que fomos chamadas de vadias desde o nosso nascimento, que somos vadias apenas por nossos corpos serem diferentes, pelos nossos traços, essa palavra sempre nos assombrou. E depois de tanta luta, não dá pra se deixar chamar de vadia, não faz mais parte da nossa história e por isso não nos juntamos nesse feminismo.

O 25 de julho internacionaliza toda essa lutas das mães, das jovens, das diaristas, professoras, donas de casa, todas as mulheres da pele preta que lutam contra o preconceito todos os dias. E não é só nessa data que essa luta histórica deve ser lembrada, mas todos os dias, a todos os momentos. Levantem-se mulheres negras e reivindicuem o seu dia. Lembrem-se sempre que quem cede a vez não quer vitória, e nós queremos a vitória e essa é a nossa vez!

-Daiara Gabriel (3º Ano, História)

Sujeito de “Amar”

O que canto não sei.
É o que mistifica a vida.
São palavras que uso, que usei
nas voltas de uma frase atrevida.

Aquela vida intensa,
de choros e gargalhadas.
Vida de uma imensidade imensa
caminhada a largas passadas.

É que com o outono me casei
enquanto a montanha subia.
Ah, naquela época a queda era lei
e o descanso era prêmio, primazia.

Ah, corrida extensa!
Num êxtase, a desejada.
E minha alma estava propensa
a deitar-se muda, acabada.

Pois o desejo faz parte da história.
E o ensejo permanece na memória,
é lá que se deita no leite, na glória.

Porque a cor de um sentimento é muda.
E é nítida naquela expressão sisuda
tanto quanto na alma desnuda.

Não sei sabor.
Não sou odor.
Mas te vejo, flor.
Bela e sempre: o amor.

—Adolfo Mariano (XXXI Turma, Direito)

TRANSEXUALIDADE E ESPORTE

A questão de gênero ainda é pouco discutida na sociedade, ainda mais quando relacionada ao esporte, onde o conservadorismo impera e as mudanças, quando ocorrem, são extremamente vagarosas. Tendo isto em vista o assunto esporte e transexualidade mais do que nunca também deve ser trazido à tona.

No esporte, um grande avanço ocorreu em 2004, quando o Comitê Olímpico Internacional aprovou a participação de pessoas que fizeram cirurgia para alteração sexual nos Jogos Olímpicos, mas duas correntes se formaram. Na primeira, afirmam que os transexuais podem participar ativamente pelo lazer, mas não pela glória no esporte, tendo em vista possíveis vantagens de desempenho.

A segunda, sustentada por especialistas e pelo próprio COI, legitima a competição após comprovadas algumas exigências médicas. Quando a cirurgia é realizada antes da puberdade, há consenso que o indivíduo deve ser tratado como se pertencesse ao sexo alterado. Nos casos de cirurgias após o advento da puberdade três condições são impostas, tendo em vista a influência de hormônios determinantes para a formação biológica do gênero.

Isso decorre do aumento relativo de massa corporal magra nos meninos e de gordura corporal nas meninas que acabam refletindo na diminuição da resistência muscular, força e velocidade, em comparação com o que ocorre com os primeiros. O livro *Tratado de Fisiologia Médica*, de Arthur Guyton, explica, de maneira geral, que a força muscular, ventilação pulmonar e débito cardíaco estão principalmente relacionados à massa muscular. Portanto, a maior diferença no rendimento final reside na maior concentração muscular masculina e isso se deve a diferenças endócrinas, ou seja, hormonais.

A primeira condição de eleição é que a cirurgia anatômica seja completa, incluindo a alteração da genitália externa e a gonadectomia (ablação dos testículos). A segunda é o reconhecimento oficial das autoridades e, num último momento, é necessário o submissão a terapias hormonais adequadas, confiáveis e em um tempo considerável, a fim de minimizar as vantagens atinentes ao gênero.

O indivíduo se torna elegível num período não menor que dois anos após a gonadectomia e depois de ser submetido a uma avaliação confidencial e individual. Caso o gênero do atleta seja questionado, a delegação médica terá autoridade para tomar as decisões necessárias no sentido de se determinar o sexo do competidor.

—Gulherme Campos de Morais (Baguá)
XXVIII Turma, Direito



Material do Aluno

E no Frigor dos Ovos

(Continuação)

-Aristofanes de Heraclião (5º ano de Direito)

Se a princípio as galinhas estavam um tanto assustadas com a perspectiva de suspender suas atividades, logo todas se convenceram da urgência de mudanças. A greve geral dos ovos foi, assim, proclamada e o pavão foi feito líder. sua plumagem ganhou maior brilho, coloração mais intensa e ainda mais imponente. Associou-se a um garnisé petulante, um galo fanfarrão que nunca cresceu e, a despeito da insignificância, sempre andou pelo galinheiro atrás de confusão. Era um galo orgulhoso, de baixa estatura, que acreditava ser dotado de esperteza acima da média, realizando sempre alguns pequenos ardis em troca de vantagens. Seu tamanho e sua aparência, contudo, jamais o impediram de sentir-se um galo comum, embora seu verdadeiro talento fosse para a rinha. Estava entre as criaturas mais excêntricas que habitavam o terreiro, sempre correndo atrás de alguma galinha e desentendendo-se com os galos. Em sua pequena cabeça de garnisé, pensava ser o maior galo da galinheiro, crença essa tão forte que levou muitas galinhas e pintinhos mais ingênuos a acreditarem naquele pequeno (ou grande) absurdo. Como bom garnisé, contudo, sabia que lhe faltava estatura para chefe de galinheiro. A associação com o pavão lhe pareceu uma medida interessante de ganhar destaque e prestígio entre os muitos galináceos que simplesmente ignoravam sua existência. Decidiu pegar carona na fama do pavão, engolir o orgulho e aceitar um cargo de assessor pavonal. O pavão, já muito ocupado com sua liderança, precisava de alguém que lhe ajudasse a fazer o coro. Um galo, ainda que minguaço, certamente poderia ajudar a espalhar a notícia da greve pelo galinheiro. Muito embora seu canto fosse um tanto fraco, o garnisé cacarejava em dialeto local, arma valiosa para convencer algumas galinhas menos acostumadas ao alto galinês do pavão.

Porém, nem só de galos e galinhas vive um galinheiro. Há sempre um sem fim de outras espécies que transitam por qualquer comunidade. Ao menos assim parece ter disposto a Mãe Natureza, que, desde os tempos imemoriais, submete algumas pobres criaturas ao cruel convívio com oportunistas de toda ordem, capricho de suas leis naturais. No galinheiro não seria diferente, onde aves de segunda ordem e parasitas de todo tipo ali se refugiavam em busca do conforto e da segurança que aquele cercado lhes poderia oferecer. Mas não só a segurança importa, pois, se há no mundo quem se interesse por ovos, há, igualmente, os que se beneficiam das migalhas e rebarbas. Por isso, além do pavão, já muito bem adaptado ao meio, e dos pombos abobalhados que assistiam, sem nada compreender, à vida na granja, havia ainda um grupo de ratos que habitavam um buraco no fundo do galinheiro. Eram ratos um tanto antipáticos, liderados por uma ratazana branca impertinente que, embora não fosse ave nem pusesse ovos, acreditava ser a maior autoridade no assunto, a bem da verdade, não apenas nesse departamento, mas em qualquer outra matéria relativa ao mundo natural. Idolatrada por alguns ratos miseráveis e camundongos insignificantes, a ratazana arrogante se prestava a falar de tudo, sempre metendo as patas nos ovos alheios.

Em um galinheiro como aquele, fartamente abastecido de comida, desde ovos às migalhas dos pintinhos, os ratos não tiveram dificuldade em multiplicar sua gente. Embora se dessem pouco ao convívio dos galos e galinhas, mantinham certo contato que lhes permitisse transitar pelo galinheiro e se beneficiar da abundância. Mantinham ainda, algumas relações escuras e transações obscuras com aves de rapina, o que os tornava, sem dúvida, as criaturas mais perversas e perigosas do galinheiro. Certamente alguém há de pensar ser impossível que ratos se dêem com aves de rapina e, seria essa suspeita verdade, não fossem os ratos tão indigestos e asquerosos que até mesmo as rapinas preferiam evitar uma digestão tão incômoda. Exatamente por isso, ao ouvirem da greve geral dos ovos, os ratos foram tomados de pânico, afinal, qualquer camundongo limitado sabe que as rapinas precisam sempre se alimentar. Vejam pois, que a sabedoria popular está correta ao atribuir aos roedores a covardia dos fracos de caráter. Assim, A ratazana, sempre preocupada em manter as rapinas satisfeitas, temerosa de que ela e os seus fossem feitos de comida, não tardou a sair pelo galinheiro proclamando o absurdo da greve e ordenando às galinhas que retomassem a produção.



BELLVET
Atendimento Veterinário Domiciliar
(16)98120-1966 / (16)99247-1415

ATENÇÃO

Devido ao espaço na versão impressa, alguns textos tiveram partes cortadas ou alteradas, porém suas íntegras se encontram na página de Facebook do Vanguarda.

Material do Aluno

Não Errastes Nietzsche

-Luís Alfredo Galeni (Cine, Ex aluno de História)

“Ou a gente se enforca e está tudo muito bem, pois se deve ter lá suas razões para isso, ou então continua vivendo sem se preocupar senão com a vida.” [Hermann Hesse]

Não errastes Nietzsche! Não errastes! A Vida, ela acima de tudo e de todos! Mas enganou-se, porém...

Olhou certo para o horizonte mas na hora errada. A Religião é um receptáculo vazio de Deus e assim sendo, não é o parâmetro para medir a importância da Vida. Atentou-se para o sol poente e não nascente. Olhou certo, olhou reto. Talvez pela força do instante, acabou por ver o totem da Religião, figura esguia sobreposta em um pano branco, compondo um cenário fantástico, não tendo nela um Deus sereno para consolar os olhos fatigados. Deus celebrou a Vida, triunfou seu filho através e nela. A Religião esqueceu-se disso e, Nietzsche, seus olhos cansados também.

Morrer é devir da Vida. Viver é uma oposição manifestando o real, é a tensão, a fricção de nós mesmos, é a saída da morte em direção a ela, um inevitável caminhar, com pés rachados sobre areia. Morte e Vida são irmãs separadas pela semântica, pela agonística dos jogos de linguagem, pela patente do erudito mas não da reflexão. A ordem gramatical pouco tem certeza de si, ou se quer se o Ser manifesta-se nesse si, como saberia então dos outros? Não possui esse direito. Talvez possua, o que de fato não detêm é competência. Viver não é monumento, não tem fim, é o instante presente contínuo. Viver não pode deixar de ser Ewig Wiederkunft.

Não errastes Nietzsche! A Vida, ela acima de tudo e de todos!

O Sol que vem lá do oriente, quando dá suas caras, contempla os Mundos que primam sua luz. Ciência denominou-os de Sistema Solar. O que a Ciência não deu conta de apurar é que, aquilo que ela chamou de Sistema se apresenta como grande Salão onde, ao centro, o Sol habita. Os ditos planetas circunscrevem-lhe infinitamente prestando-lhe honrosas homenagens. Vez ou outra o Sol de seu centro põem-se a olhar para cá. Ora, em sua magnificência, ele observa-nos no planeta eleito a carregar seus rebentos biológicos, células primitivas, mães prodigiosas do princípio da Vida Orgânica e vê-nos, descendentes diretos, prediletos e ao mesmo tempo renegados. Fomos levados, por nós mesmo a acreditar, com toda nossa arrogância que o Sol levanta de seu trono, caminha lentamente até o ocidente a observar-nos. Sim nos observa, concede-nos sua presença direta 12 horas de nosso dia, entretanto somos nós que caminhamos a prestar-lhe homenagens. Somos nós que vamos de lá pra cá a clamar suas honrarias. Descendentes diretos, eleitos a carregar sua luz. Bastardos, condicionados a sua luz.

O que sente, não podemos saber, olhá-lo não é muito aconselhado, as células primitivas, matriarcas da vida, projetaram-nos para nunca dirigirmo-lho os globos oculares, ao contrário, moldaram-nos criaturas intrínsecas e sensíveis a emanção luminosa que só, através dela, é possível sermos nós mesmos. Encarar o Sol aos olhos, defrontá-lo com a vista, é impossível, não é atoa que chamam-no de Astro-Rei.

O que está a pensar, também não há como sabermos. É pouco provável que nos odeie pelo que viramos... Ainda somos Vida. Ainda nos ilumina, abençoa. E se for maldição? Maldição de vida!? Não pode ser possível, é Astro-Rei, é Deus, é clemente por nos primar com a existência. Quer a nós na vontade de potência, cada célula que legou-nos foi para expandir a Vida.

Fizemos o fogo, o ferro e o fuzil. Fomos capazes de instrumentalizar a luz. Imaginar que essa mesma luz, concedida à nós os prediletos, fomos capazes de fazê-la por nós mesmos. Natural e tão artificial. Fomos capazes de fazer a Religião, coloca-la ao centro do grande salão que antes ocupou o Astro-Rei. Justo nós, a quem tinha-se um grande legado de existência. Fomos capazes de fazer da própria morte uma criatura vil, algoz da Vida. Fizemos o Ídolos de Origens, onde a origem somos nós mesmos. Saimos de si para retornar a si, não eramos mais pó indo ao pó. Somos, por agora pós-pó, pós-Sol, pós-Vida.

Todos aqueles que jazem ao passado remoto, olhando para nós cá, no futuro, esperavam o progressivo esclarecimento da humanidade, do homem acerca de si mesmo, da sua historia, do sentido do individuo... Esperavam que haveria um movimento constante de descoberta de si e do mundo. Esperavam que esse movimento, após iniciado seria impossível de ser parado. Esperavam a liberdade de empreender ilimitada. Ah, mas empreendemos, empreendemos a falência das nossas convicções mais absurdas e mais maravilhosas. Empreendemos a derrocada da Vida e também da Morte. Separamo-as, Vida e Morte, ambas que andavam a tanto de mãos dadas. Separamo-as a golpes surdos de machado.

(CONTINUA NA PAGINA DO FACEBOOK)

Material do Aluno

FUMAÇA

1. Moderato melancólico.

V. desceu de um carro preto na esquina da Amálio Rocha com a Acre às onze da noite. Enquanto empurrava com desânimo a porta amassada do lado do passageiro, virou o pescoço suado para a esquerda e aparentou ensaiar um beijo de despedida que jamais aconteceu. V. talvez não se lembrasse da umidade de um beijo. Certamente, não se lembrava também da água suja empoçada nos buracos da calçada, da lama fluida que corria no meio fio ou do lixo já tão familiar quanto o seu próprio.

Bateu a porta e caminhou aos tropeços rumo ao seu lugar de hábito no muro que ainda nos fuzilaria. Com os saltos de suas sandálias cobertos de lama, V. arrastava lentamente um de seus pés na tentativa de expulsar uma embalagem plástica. Quando livre, já tinha o peso do corpo sinuoso recostado no cimento rígido e vasculhava a bolsa pequena. V. também aplacava o tédio de sua espera na fumaça de cigarros consecutivos.

A chama vacilante trepidava entre dois dedos amarelados e se inflamava hipnoticamente a cada uma de suas tragadas tão frequentes. Gotejávamos o nosso suor salgado e, à distância, V. parecia tremer. Talvez tremesse a saliva de seu último cliente, talvez tremesse as cáries nos dentes do próximo, mas não iria embora antes das câimbras se tornarem insuportáveis e de seus odores pungirem nossos sentidos.

—Mina Vieira (Historia, 3º Ano)
CONTINUA NA PROXIMA EDIÇÃO

RETRATO

Do imenso que entrava o vento, já quase nem se notava. Ruídos pela estalagem e fechadura das portas. A escada era riscada pelos últimos passos. Ninguém ali.

Resíduo de desenvolturas embalavam as paredes. Tudo era úmido; molhado pelas respirações de antes. Agora, longe da casa os arfantes de outrora se desviavam pelas ruas.

Quietude nos acabamentos e o tempo marcava a hora completada. Este instante e entrou o faxineiro. Não lhe era familiar a casa, nem os móveis, janelas, tampouco os espelhos. Mas, como fora designado para o trabalho, conduzia-se naturalmente.

Levantou o tapete e pegou a chave. Um rangido e a porta estava aberta. O silêncio que se conhece do alto da madrugada não seria suficiente para explicar como lhe doeu os tímpanos. Um vácuo silencioso regalou-se para o homem. Era como se tivessem uns tantos olhos, mudos, a lhe espreitarem. Incomodado olhou a sua volta; telas cobertas por panos, vidraças quase transparentes. Olhar os espelhos não quis.

Subiu a escada, e, pé ante pé percorreu os cômodos. Com uma das mãos emburrava as portas e, só depois, sua cabeça espiava. Uns poucos móveis. Cobertores também havia, mas nestes não tocou.

Tudo inspecionado desceu. Mais familiarizado ousou apressar-se até a cozinha onde deixara a vassoura e pano e balde. Varreu e limpou as janelas. Deixou os espelhos para o próximo curioso. Poucas horas e terminara sua função. Recolheu as vassouras, lixos, panos e chave.

Um longo ruído e a porta estava aberta e o homem já na calçada. Trancou a fechadura opaca, meteu a mão com as chaves no bolso, e lá as largou. A vassoura depositou perto de um armazém abandonado e virou a rua com os lábios em assobio.

—Beatriz Brotto

Envie seu texto, crítica,
poema ou charge para o
VANGUARDA

E-mail: direitounesp@gmail.com
Facebook.com/vanguardaunesp
Facebook.com/direitounesp

Material do Aluno

ETA NÓS, ETANOL!

TENTEI SER BREVE, MAS NÃO PUDE

Tentei ser breve, mas não pude
 Pensante movimento de fluxos
 Desembocam todos n'infinidade
 Bem, nem vem os sóis d'antes
 Somente a tromba voraz, feroz
 Algoz seu beijo entorpecente
 N'agora, os relâmpagos secos
 Minha mente falaciosa mente
 Para mim, para todos de fato
 Quando sorrio, eu na verdade
 Estou desembocando, demorado
 Na solidão de choro morno
 Porque se foi para longe
 Mesmo estando tão perto
 Dentro de mim e não se vai
 Nem para a rua, nem ao léu
 Sinto que vai chegar logo
 Um sinal de fogo, uma mensagem
 Só que voou para muito longe
 Perto tão de mim agora
 Antes mais do que nunca
 Nunca do que mais antes
 Cada passo na direção
 É um revés, é um convés
 De sofrimento escorregadio
 Eu estou indo para norte
 E caminhando indistintamente
 Para o sul, como se n'oeste
 Fosse meu leste, ah! Não...
 Nem a rosa dos ventos
 Nem o vento nas rosas
 Passar, passado
 Viver, presente?
 Futuro? Não vejo
 Senão o logo e pelejo
 Futuro? ... Ah, Futuro...
 Desejo que venha duma vez
 E pare e fique e vá e fique
 Mas fica comigo, Futuro
 Desejo, pelejo, ensejo
 Passa duma vez, desejo
 De futuro? Mal vejo!

—Hugo R. Soares (8º período/Direito UNIFRAN)
 Autor de *Transições*, volume I: das trevas à luz (Ícone)

Lave a boca carnicento!

Comprar a vela não significa arrepender-se do pecado original, só que ao mesmo tempo que o relógio controla a rotina o lucro saliva as energias.

Bem-aventurados os passáros que não pagam pedágios, tarifas de metrô, consórcios, a mensalidade da escola/universidade, a compra do mês...

Conquistei aquilo lá com o meu suor!? E sem saber pedalar mesclou seus músculo ao meio da nojeira a céu aberto, amém!?

Paga esse dizimo e sai vazado, o corpo responde todas vezes que as táticas bélicas os jogam ao chão sem contar o tanto de sangue que derramou, ou ao menos secar os esqueletos espantados á terra depois da guerra (nú) clear...

Seu olhar, o meu olhar, o que você vê, é o mesmo que vejo? O antes e o depois dessa trama de um Mundo do Trabalho e para o Trabalho, sempre avante, amanhã é outro dia!

Haverá neste calabouço, o suor esmolado, a fadiga, o terrorismo, a abrições de boca sejam pelo cansaço ou por recuo de Alma!

Vieram destalados de um lugar,

procurando o que vestir, e o que comer,

ao bolso as cantatas sentiam frio, ou fome!?

Os olhares misturam-se com a vermelhidão de suas pernas, as mãos, essas metáforas capitalistas que servem-se diariamente para dar, abrem-se as pernas para o gozo patronal, e a situação fica mais complexa quando pensamos no internacional e ismos...

A duração das 8 horas trabalhadas parecem que frisa-nos, a batida do cartão asselha-se com o aceno pedindo carona em uma circular e giro do ombro quando percebe que o dia do pagamento está perto.

Comprar carros, motos, enviam o pouco dinheiro que ganham, são os (louveis) e lavradores da nova era do agroenergia brasileira,

o feitor, presente! o gato (agenciador), presente! o fiscal de turma, presente! O Usineiro, saqueando vidas!

Eta nós, etanol...

Bendita seja sua vontade,

livrai-nos de todo mal,

faça que o SUS capitalize a igualdade da saúde,

as águas sequem a mancha e o cheiro de carnificina que não sai depois que o dinheiro passou a ganhar da prioridade da Saúde dos Trabalhadores...

Passa em casa para pedir meu voto, eta nós, em etanol!

Depois que colocaram você no nosso prato,

o que era renovável fez-se cinzas dos grupos internacionais, e o petróleo continua fazendo do governo liquido e não ativo!

Etanol, eta nós!

Cadê a Saúde e o Pais de Todos que você prometeu, para os Trabalhadores...

—Marcos Paulo Rocha Fernandes

AUTO ESCOLA
METRÔ PARE POLE

12x
no cartão

Aulas práticas
nas categorias
A, B, C, D e E

Av. Chico Júlio, 3246 - Franca
 (16)37243574 / (16) 993755505